



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA INGLESA**

MARIA DO SOCORRO NUNES FERREIRA

**PERSPECTIVAS TEÓRICAS SUBJACENTES À TRADUÇÃO
DOS NOMES DOS PERSONAGENS DA TURMA DA MÔNICA
PARA A LÍNGUA INGLESA**

CAMPINA GRANDE - PB

2014

MARIA DO SOCORRO NUNES FERREIRA

**PERSPECTIVAS TEÓRICAS SUBJACENTES À TRADUÇÃO
DOS NOMES DOS PERSONAGENS DA TURMA DA MÔNICA
PARA A LÍNGUA INGLESA**

**Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura em Letras - Língua Inglesa
do Centro de Humanidades da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Letras – Língua Inglesa.**

Orientador: Professor Mestre Normando Brito de Almeida.

CAMPINA GRANDE - PB

2014



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

F383p Ferreira, Maria do Socorro Nunes.
 Perspectivas teóricas subjacentes à tradução dos nomes dos
 personagens da Turma da Mônica para a língua inglesa / Maria do
 Socorro Nunes Ferreira. – Campina Grande, 2014.
 35 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Inglesa)
– Universidade Federal de Campina Grande, Centro de
Humanidades, 2014.

"Orientação: Prof. Me. Normando Brito de Almeida".
Referências.

1. Histórias em Quadrinhos – Língua Inglesa. 2. Tradução.
3. Nomes de Personagens. 4. Turma da Mônica. I. Almeida,
Normando Brito de. II. Título.

CDU 811.111:741.5(043)



MARIA DO SOCORRO NUNES FERREIRA

PERSPECTIVAS TEÓRICAS SUBJACENTES À TRADUÇÃO
DOS NOMES DOS PERSONAGENS DA TURMA DA MÔNICA
PARA A LÍNGUA INGLESA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito à obtenção do título de
Licenciatura em Letras - Habilitação em
Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Normando Brito de Almeida.

Aprovada em _____ de _____ de 2014.

Prof. Normando Brito de Almeida
Orientador – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Suênio Stevenson Tomaz da Silva
Universidade Federal de Campina Grande

RESUMO

O presente trabalho apresentou como objetivo analisar as perspectivas teóricas subjacentes à tradução dos nomes dos personagens da revista em quadrinhos da Turma da Mônica para a língua inglesa. Realizou-se, então, uma revisão bibliográfica das principais teorias de tradução, observando as especificidades da tradução de histórias em quadrinhos e de nomes de personagens e procedeu-se à análise de um corpus de sessenta e dois nomes de personagens, identificando os procedimentos de tradução utilizados, tomando como base a lista procedimentos de tradução elaborada pelo pesquisador Lincoln Fernandes (2007). As revistas em quadrinhos consistem em um gênero textual que associa imagem e texto e cujo reconhecimento tem sido retomado a partir do final do século XX, sendo a Turma da Mônica a maior representante do mercado de quadrinhos no Brasil. A obra de Maurício de Sousa é atualmente conhecida internacionalmente, sendo as revistas editadas também em língua inglesa, destacando-se a revista “*Monica’s gang*”, que foi utilizada como fonte de coleta de dados. Quanto às teorias de tradução classificam-se em duas grandes correntes, aquelas que a percebem como um processo de transferência de textos equivalentes em línguas diferentes, assim defendida por teóricos como Catford (1980), o que se aproxima de uma tradução mais literal e as que a compreendem como um processo de correspondência de significados, e que considera as especificidades dos contextos das línguas fonte e alvo, apresentadas por teóricos como Arrojo (2007) e Sobral (2008). A tradução de quadrinhos e de nomes de personagens literários são duas áreas específicas que envolvem aspectos que a tornam ainda mais complexa, como a relação de complementaridade entre texto e imagem, e aspectos como legibilidade, referencialidade, memorabilidade e reconhecimento. A análise dos procedimentos de tradução das personagens da Turma da Mônica revela o uso de diferentes procedimentos e estratégias, no entanto uma maior aproximação com a orientação para a língua e o público alvo, e uma consonância com as teorias mais atuais sobre tradução que consideram os diferentes contextos das línguas envolvidas no processo de tradução e a necessidade recriação e adaptação do texto fonte para que a mensagem seja transmitida com eficiência para o público leitor.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Histórias em quadrinhos. Nomes de personagens. Turma da Mônica. Língua Inglesa.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
1.1	Objetivos	6
1.1.1	Geral	6
1.1.2	Específicos	6
1.2	Hipótese.....	6
1.3	Justificativa.....	7
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	8
3	REFERENCIAL TEÓRICO.....	9
3.1	Breve Histórico das teorias de tradução	9
3.2	Tradução de histórias em quadrinhos	12
3.3	Tradução de nomes de personagens	14
3.3.1	Tradução dos nomes dos personagens da Turma da Mônica na ótica de Maurício de Sousa ..	19
3.3.2	Procedimentos de tradução observados no PEPCOCFL (The Portuguese – English Paralell Corpus of Children’s Fantasy Literature).....	20
4	ANÁLISE DOS DADOS	23
5	CONCLUSÃO.....	30
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31
	ANEXO I	33

1 INTRODUÇÃO

As histórias em quadrinhos (HQ) começaram a ser publicadas no final do século XIX nos Estados Unidos. Atualmente consistem em um gênero amplamente lido e admirado em todas as partes do mundo, por pessoas de diferentes faixas etárias, gêneros e classes sociais. Os fatores que culminaram com a popularização das HQ naquele tempo foram a evolução da indústria tipográfica e o surgimento das grandes cadeias jornalísticas, que foram o meio pelo qual inicialmente as “tiras” foram publicadas e, conseqüentemente, tornaram-se conhecidas.

No período pós-guerra e início da guerra fria, no entanto, alguns setores da sociedade passaram a emitir críticas em relação às HQ, vendo-as como prejudiciais à formação de seus leitores, compostos especialmente de crianças e adolescentes. Tais críticas contribuíram para a desvalorização e estigmatização desse gênero nos meios educativo e científico. Entretanto, a partir das últimas décadas do século XX, com o desenvolvimento das Ciências da Comunicação e dos Estudos Culturais, passou-se a redescobrir as HQ como forma de manifestação artística com características peculiares e perceber o seu valor como instrumento pedagógico, tanto que podemos observar a inclusão das HQ em materiais didáticos. Além disso, em diversos países, órgãos oficiais de educação passaram a reconhecer a importância da inserção das HQ no currículo escolar. Como exemplo disso, podemos mencionar o Brasil, onde a utilização desse gênero em sala de aula é previsto na Lei de Diretrizes e Bases e nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes e de Língua Portuguesa.

Em se tratando de HQ, destaca-se no nosso país *A Turma da Mônica*, um conjunto de histórias em quadrinhos criado pelo cartunista Maurício de Sousa, cujos primeiros personagens, *Franjinha* e seu cachorro *Bidu*, foram publicados pela primeira vez em 1960, pela Editora Continental em uma tirinha na *Folha da Manhã*. Posteriormente, foram surgindo *Cebolinha*, *Cascão*, *Piteco*, *Titi*, *Jeremias*, *Mônica*, *Chico Bento*, *Pelezinho*, *Horácio* e tantos outros personagens, principais e secundários, hoje conhecidos internacionalmente, estando estes dispostos em mini-grupos, entre os quais estão as turmas: *da Mônica*, *da Mônica Jovem*, *do Chico Bento*, *do Horácio*, *do Penadinho*, *do Piteco*, *da Tina*, *da Mata*, *do Astronauta*, *do Bidu* e várias outras. Na *Turma da Mônica*, Maurício de Sousa retrata as histórias de um grupo de crianças de cerca de sete anos de idade, que moram no bairro fictício de Limoeiro em São Paulo, um lugar com muitas árvores, um campo e pouco asfalto.

No início da década de 80, os personagens da revista *Turma da Mônica* começaram a ingressar no mercado editorial internacional, com a publicação de revistas na Inglaterra,

Alemanha e Espanha, em seus respectivos idiomas, e, posteriormente, em dezenas de outros idiomas, o que levou à divulgação da Turma da Mônica em mais de 50 países.

As revistas da Turma da Mônica são publicadas e distribuídas atualmente pela editora Panini Comics, que, em contrapartida, passou a editar também duas revistas escritas em inglês, a saber, “*Monica’s gang*” e “*Monica Teen*”, a partir de 2009 e 2011 respectivamente.

Para a elaboração das revistas, Maurício de Sousa conta com a ajuda de uma equipe de roteiristas e desenhistas que ele orienta e supervisiona diretamente, além de avaliar o material produzido, em seus vários aspectos, tais como, linha filosófica, correções, e aprovação final antes da publicação.

Diante do trabalho de tradução dos nomes dos personagens de Maurício de Sousa nas revistas Turma da Mônica para a língua inglesa, nos propomos a obter respostas para as seguintes perguntas: 1. Quais as teorias de tradução e os procedimentos utilizados para realizar tal tarefa? 2. Quais as especificidades da tradução de nomes de personagens em HQ?

1.1 Objetivos

1.1.1 Geral

- Analisar as perspectivas teóricas subjacentes à tradução dos nomes dos personagens da Turma da Mônica para a Língua Inglesa.

1.1.2 Específicos

- Descrever as concepções teóricas sobre tradução existentes;
- Observar as especificidades da tradução de nomes de personagens e de histórias em quadrinhos;
- Identificar quais as estratégias e procedimentos utilizados na tradução para o inglês dos nomes dos personagens da Turma da Mônica;

1.2 Hipótese

A tradução dos nomes dos personagens da Turma da Mônica apresenta como base um dos pressupostos das teorias modernas sobre tradução que se fundamenta na noção de

correspondência de significados, e considera o respeito às características e contexto sócio-histórico das línguas envolvidas.

1.3 Justificativa

A tradução é compreendida atualmente como uma atividade complexa, que promove o contato entre diferentes línguas, povos e culturas, e o acesso de um público leitor a obras às quais ele não teria acesso, a não ser por meio dos textos traduzidos. Há relatos sobre a prática da tradução e das primeiras reflexões sobre esta prática desde a Antiguidade. Questões como a natureza da tradução, a fidelidade ao original, os dilemas envolvidos no ofício do tradutor, têm sido objeto de estudo dos teóricos da área. Nos dias atuais, tem-se acentuado o interesse sobre os estudos da tradução, em razão do processo de globalização por que passamos.

As histórias em quadrinhos constituem um gênero com uma linguagem que associa imagem e texto na comunicação, e cujo reconhecimento da sua importância tem sido retomado a partir do final do século XX, como expressão artística e instrumento de auxílio ao ensino e à formação do hábito da leitura, como também ao aprendizado de línguas estrangeiras, em razão do interesse dos estudantes por esse gênero, além da sua acessibilidade e baixo custo. No entanto, ainda não existe uma teoria consolidada sobre o estudo da tradução de HQ, em razão do baixo *status* que esse gênero tem gozado no meio científico e acadêmico por muitos anos. Justifica-se, então, a presente pesquisa, em razão da contribuição que o estudo pode oferecer para a produção do conhecimento na área de tradução e, mais especificamente, na tradução das HQ. Além disso, o estudo foi motivado em razão do interesse da pesquisadora no estudo dos quadrinhos, por estes terem contribuído para a sua própria formação como leitora.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O nosso trabalho de pesquisa é do tipo **exploratório**, que segundo Gil (2010, p.27), é aquela que “têm como propósito proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito”. Quanto aos métodos empregados, podemos afirmar que este trabalho é de caráter **bibliográfico**, pois segundo Gil (2010, p.29):

(...) é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet.

Os pressupostos teóricos foram reunidos através de livros, artigos científicos sobre o tema e crônicas de Maurício de Sousa. A coleta de dados foi feita através das revistas em quadrinhos *Turma da Mônica* e *Monica's gang*.

Utilizamos como amostra da pesquisa um conjunto de cinquenta nomes de personagens da Turma da Mônica e suas respectivas traduções para a Língua Inglesa.

Inicialmente, procedemos uma revisão bibliográfica sobre as principais teorias sobre tradução existentes, especificando a pesquisa posteriormente em relação às teorias sobre tradução de HQ e de nomes de personagens. Em seguida, elencamos os nomes dos personagens da Turma da Mônica e suas respectivas traduções em língua Inglesa, e analisamos o seu processo de tradução, agrupando-os de acordo com as teorias, estratégias e procedimentos utilizados na tradução.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Breve Histórico das teorias de tradução

Uma revisão na história da literatura sobre tradução revela que a sua prática remonta à Antiguidade. Cícero, por volta de 46 A.C., a compreendia como um processo realizado palavra a palavra, ou seja, uma tradução literal. Por volta de 1804, observou-se que tradutores com concepções diferentes, a exemplo de São Jerônimo, Lutero e Pope, refletiam sobre o processo, do ponto de vista prático, considerando as dificuldades e desafios de tal atividade, a partir de suas próprias experiências. Contudo, perspectivas de teorização que consideram o caráter filosófico da tradução surgiram posteriormente a esse período, estando entre seus representantes Humboldt, Goethe e Schopenhauer. E essa abordagem filosófica da tradução acentua-se, no final da década de 1940, com o advento da modernidade.

De acordo com Arrojo (1992), as principais correntes teóricas sobre tradução existentes seguem as próprias concepções de leitura. Dentre tais correntes, a autora cita a corrente **logocêntrica**, que percebe o processo de leitura como um processo de resgate de significados estáveis inerentes ao texto, sem influência nem do sujeito nem das condições históricas. A outra é a corrente **interpretativa**, a qual concebe o processo de leitura como atividade que envolve a produção de significados, considerando tanto o sujeito como as condições históricas para a realização do processo de leitura.

Teóricos tradicionais da tradução, a exemplo de Catford (1980), veem esta como um processo de transferência ou substituição de um texto em uma língua por um texto equivalente na língua-alvo. Eugene Nida (1975 apud ARROJO, 1997) compara as palavras de uma sentença a uma fileira de vagões de carga, em que não importa a quantidade de carga de um vagão nem a ordem destas (assim como há palavras que carregam mais conceitos que outras), mas que elas atinjam o seu destino, sendo relevante que os significados das sentenças sejam recepcionados pelos leitores na língua a ser traduzida. Seguindo esse entendimento sobre a tradução, como transporte de significados, o texto é visto como objeto estável, com conteúdo delimitado e objetivo, cujos significados podem ser transportados, sem a influência de fatores subjetivos, que são a eles exteriores. Tem-se, então, a figura do tradutor como o encarregado do transporte da carga, ou seja, ele deve garantir que esta chegue ao seu destino, sem interferências. Sob perspectiva semelhante o teórico Alexander Fraser Tytler (1971, apud ARROJO, 1997) prescreve como princípios da boa tradução a reprodução completa das ideias, estilo, naturalidade e fluência do texto original.

Aubert (1993, p.10) apresenta o seguinte esquema, para explicar a tradução:

(1) EMISSOR → mensagem 1 → (bloqueio)/RECEPTOR

(2) EMISSOR → mensagem 2 → RECEPTOR

em que:

mensagem 1 => mensagem 2

O que se percebe do esquema acima é a existência de uma segunda relação comunicativa, que substitui a primeira ou a complementa, em uma relação de equivalência, de forma que as mensagens apresentam correspondência entre si. O autor enfatiza que apesar de as mensagens apresentarem diferenças em certos aspectos, objetivam produzir efeitos de sentido semelhantes.

Oustinoff (2011, p. 74) fornece um ponto de vista mais amplo, ao explicar que a tradução pode ser **intralingual**, quando se traduzem proposições dentro de uma mesma língua, **interlingual**, quando se traduz de outra língua, e ainda, **intersemiótica** quando se traduz em palavras o que se vê, e propõe a substituição do esquema $TF \leftrightarrow TA$, que representa a passagem do “texto fonte” (TF) na língua de partida (LP) para o “texto alvo” (TA) na língua de chegada (LC), por $EF \leftrightarrow EA$, pois segundo o autor, a tradução não se aplica apenas a textos, mas a enunciados, que podem ser orais ou de outras naturezas.

Oustinoff (2011, *op. cit.*) apresenta os seguintes princípios que refletem a prática tradutória realizada na década de 90 na França:

1. **Princípio de literalidade** - quando a tradução “direta” ou literal chegar a um enunciado equivalente no plano linguístico e estilístico será mantida;

2. **Princípio da idiomaticidade** - a tradução deve dar a impressão de que o original foi escrito diretamente na língua a ser traduzida;

Arrojo (2007, p.22-24) explica que:

(...) traduzir não pode ser meramente o transporte, ou a transferência, de significados estáveis de uma língua para outra, porque o próprio significado de uma palavra, ou de um texto, na língua de partida, somente poderá ser determinado, provisoriamente, através de uma leitura (...) Metaforicamente, em nossa “oficina”, o “palimpsesto”¹ passa a ser o texto que se apaga, em cada comunidade cultural e em cada época, para dar lugar a outra escritura (ou interpretação, ou leitura, ou tradução) do mesmo

¹ De acordo com a definição de Ferreira (2010, p. 558) palimpsesto era um antigo material de escrita usado mais de uma vez devido à sua escassez ou um “manuscrito sob cujo texto se descobrem a(s) escrita(s) anterior(es)”.

texto. Assim como nos ilustrou o conto de Borges, o texto de Dom Quixote não pode ser um conjunto de significados estáveis e imóveis, para sempre depositados nas palavras de Miguel de Cervantes. O que temos, o que é possível ter, são suas muitas leituras, suas muitas interpretações – seus muitos “palimpsestos”. A tradução, como a leitura, deixa de ser, portanto, uma atividade que protege os significados “originais de um autor e assume sua condição de produtora de significados (...)”

Conforme citado podemos entender que há um processo de correspondência, mas não de equivalência, por causa das especificidades culturais de cada língua, ou seja, dos diferentes recortes do mundo que elas fazem, além das variedades dialetais, regionais, culturais, ao longo do tempo, bem como de situação enunciativa, havendo um conjunto de possibilidades de produção de sentidos, que dependem tanto do sistema exposto nas gramáticas e dicionários como do uso pelos falantes. A tradução literal, principalmente de textos literários, pode conduzir a associações diferentes das estabelecidas no texto original, sendo necessário recriar as imagens nele sugeridas, assim como também os aspectos formais, como as relações sonoras que se estabelecem. Sendo assim, o papel do tradutor é fazer as transposições legítimas entre os sistemas de produção de sentido das línguas, os sistemas semióticos, o que é possível porque apesar de estes serem diferentes, apresentam correspondências entre si, sendo o tradutor o interlocutor do autor do texto-fonte e co-autor do texto traduzido.

Arrojo (2007, *op. cit.*) explica ainda que é importante que o tradutor reconheça a essencialidade da sua atividade, como autor e construtor e não apenas mero transportador de significados, ao dizer que:

Tornar-se tradutor, implica, portanto, em primeiro lugar reconhecer seu papel essencialmente ativo de produtor de significados e de representante e de intérprete do autor e dos textos que traduz (...) uma postura interpretativa, em que o tradutor funciona como um leitor, um filtro avaliador das informações com que se depara no texto de partida, informações essas que transformará, através de sua interpretação, nas informações que passarão a constituir o texto de chegada. (ARROJO, 1992, p.103-104)

Sobral (2008) entende que se traduzem discursos e não apenas textos, pois estes não consistem em unidades com sentidos prontos e acabados. Os sentidos são criados a partir do uso dos textos pelos sujeitos em situações concretas, estando os discursos articulados dialogicamente às condições sócio-históricas de sua produção. Sobral (2008, *op. cit.*) afirma que no processo de tradução deve-se preservar a intencionalidade discursiva, ainda que a materialidade do texto seja modificada, como por exemplo, na tradução de uma fábula da língua-fonte, em que se pode recorrer a uma outra fábula da língua-alvo mais conhecida do seu público leitor, desde que o sentido moral e ético a ser transmitido seja o mesmo. Desse modo, o desafio da tradução adequada reside não apenas em ser fiel ao sistema semiótico de

que se traduz, mas considerar também as especificidades do sistema semiótico para o qual se traduz. Assim como Arrojo (2007, *op. cit.*), a concepção de tradução de Sobral (2008, *op. cit.*) vai além do caráter de equivalência entre as formas de expressão das línguas, mas contempla a correspondência entre os sentidos criados na língua fonte e a possibilidade de criação de sentidos na língua-alvo. Ela explica que apesar das semelhanças existentes entre as línguas, nem sempre há equivalências entre elas, dado que se desenvolvem em contextos sociais e históricos específicos. O conceito de correspondência, no entanto, abrange a possibilidade de alterações, ajustes e adaptações, para que seja possível a compreensão dos discursos traduzidos.

Sob esse horizonte, Sobral (2008, p.95) expõe o dilema da atividade do tradutor do seguinte modo:

É preciso, igualmente, desenvolver a capacidade de ser fiel ao original sem violar a língua para a qual se traduz, adaptar o original a um público leitor que não é do original e que de resto o autor sequer conhece, sem com isso alterar o original nem perder sua especificidade.

O tradutor assume, então, a posição dupla de leitor e autor - leitor do discurso original, e autor do traduzido – partindo de uma desconstrução e reconstrução do primeiro discurso em outra língua. Em parceria com o autor do discurso na língua fonte compõe os sentidos no novo discurso, que não é o mesmo, mas que pretende reconstituir a forma e a expressão do discurso primeiro na língua para a qual se traduz. Além disso, precisa levar em consideração aspectos como o seu contexto, temporalidade, intencionalidade discursiva e o respeito às línguas envolvidas, assim como ao público leitor. Através de seu ofício, promove o contato entre diferentes culturas, línguas e países, tão comum e tão necessário nos dias atuais. Sua atividade é interpretativa, revelando suas próprias opções e a influência das circunstâncias temporais e históricas em que vive, em oposição a uma pretensa neutralidade defendida por alguns teóricos de tradução.

3.2 Tradução de histórias em quadrinhos

Aragão e Zavaglia (2010) explicam que quanto à tradução específica das histórias em quadrinhos, não há teoria substancial consolidada no campo nos estudos da linguagem, nem dos estudos da tradução, embora venha acontecendo um desenvolvimento gradual, pois apesar da grande difusão no mundo todo do gênero e da abrangência e heterogeneidade do público leitor, este ainda é visto por alguns com o estereótipo de um tipo de mídia que consiste em uma literatura menor.

Camilotti e Liberatti (2012) entendem como quadrinhos “todo desenho sequencial feito em quadros que contenha textos não-verbais (imagens), podendo abranger, também, textos verbais”. As autoras explicam que através da Primeira Exposição Internacional de Quadrinhos, realizada no Brasil, em 18 de novembro de 1951, na cidade de São Paulo, passou-se a reconhecer os quadrinhos como linguagem textual, assim como seu caráter didático, técnico e artístico. Nesse tipo de texto, palavras e imagens se complementam, formando um material textual que geralmente apresenta elementos informativos, educativos e de diversão, tratando de temas diversos e alcançando público vasto e variado, sendo assim objeto de tradução para diversos idiomas. Tal tarefa consiste em um desafio para os tradutores, que têm que lidar com signos verbais e signos não verbais, que não possuem significado universal, preservando sua conexão e harmonia. Camilotti e Liberatti (2012, p.98) ressaltam ainda outras dificuldades inerentes à tradução de HQs, ao dizerem que

[...] muitas vezes [...] o texto verbal e o não verbal possuem questões culturais particulares, ora não existentes na cultura de chegada ora tendo significados não correspondentes entre as culturas envolvidas. Nesses casos, é necessário que o tradutor procure adaptar imagem/texto para a cultura de chegada. O problema é que muitas vezes, editoras não estão dispostas a modificar o texto não verbal, pois mudanças editoriais exigem custos e tempo extras. Com isso, normalmente o tradutor deve resolver as dificuldades pelas quais passa somente adaptando o texto verbal e deixando o texto não verbal inalterado.

Observamos, então, em um contexto prático, questões já apresentadas pelos teóricos da tradução, referentes às características culturais específicas dos contextos das línguas envolvidas no processo tradutório, e a necessidade de adaptação para que a mensagem consiga atingir o público receptor. Além disso, percebemos, ainda, na tradução de HQ, desafios de ordem prática, tais como custos financeiros e posturas das editoras que tornam ainda mais desafiante a tarefa do tradutor.

Uma das estratégias apresentadas pelas autoras para os casos em que elementos culturais da língua fonte são desconhecidos pelo leitor final é a adaptação cultural, ou seja, a substituição de elementos culturais desses por outros conhecidos na cultura de chegada, proporcionando, assim a compreensão pelo leitor final.

Além disso, a própria linguagem das HQ não é universal, havendo diferentes convenções, estilos, onomatopeias, que precisam ser conhecidos pelo tradutor, para que ele consiga fazer uma leitura adequada do texto e a sua tradução coerente. Por exemplo, na cultura ocidental balões de pensamento apresentam diferentes representações gráficas, cujo conhecimento é essencial para a compreensão da mensagem.

Aspectos linguísticos para os quais é necessária dedicação de atenção especial pelos tradutores de textos em geral, como também de quadrinhos, são os as rimas, as expressões idiomáticas, jogos de palavras e trocadilhos, com vocábulos que apresentam mais de um sentido. Vale salientar que nem sempre há possibilidade de preservação total desses aspectos, pois em razão das especificidades da língua, alguns efeitos se perdem, enquanto outros são gerados. Observa-se, ainda a necessidade de adequação à idade do público leitor, o que está relacionado a questões de controle e censura.

Camilotti e Liberatti (2012, p.109) refletindo, então, sobre todos esses aspectos referentes à tradução de quadrinhos apresentam o seguinte entendimento em relação à figura do tradutor:

O tradutor torna-se muito mais que canal de comunicação e transmissão entre o texto-fonte e o texto-alvo. Ele é aquela pessoa que, além de traduzir, recria a história de forma criativa. Modela o texto –fonte para que, no processo tradutório não perca seu caráter didático, instrutivo, educativo e divertido e chegue ao público leitor da melhor forma possível.

Aragão e Zavaglia (2010), com entendimento semelhante, observam que esse gênero opera com imagem e texto, com interdependência entre esses dois tipos de linguagem, em uma relação de complementaridade semântica, ou seja, consistem em um sistema heterogêneo, pois faz uso de diferentes códigos simultaneamente, sendo a imagem elemento constituinte da narrativa. O texto apresenta ainda efeitos estilísticos, que geralmente o aproxima da fala cotidiana e caráter humorístico. Todos esses aspectos somam-se aos desafios apresentados pelo tradutor das HQ, sendo esse trabalho considerado pelas autoras uma atividade extremamente complexa, ao afirmarem que:

[...] o tradutor necessita dar conta não só das diferenças que surgem do contato interlinguístico, mas também das imagens que representam elementos muitas vezes estranhos ao ambiente cultural do leitor da tradução, principalmente quando os efeitos de sentido gerados se dão na conjunção entre texto e imagem. (ARAGÃO; ZAVAGLIA, 2010, p. 443)

3.3 Tradução de nomes de personagens

De acordo com FERREIRA (2010, p.533) nome é a “palavra (s) com que se designa pessoa, animal ou coisa”, ou seja, apresenta função referencial. No contexto da ficção, no entanto, os nomes geralmente apresentam funções que ultrapassam essa função, fazendo referências aos próprios aspectos dos personagens.

O entendimento geral das pessoas é de que nomes próprios não são traduzidos. No entanto, estudiosos e teóricos de tradução explicam que a questão da tradução de nomes além de ser complexa é um desafio para os tradutores.

Theodor (1983, p.18) tratando da correspondência na tradução da obra literária explica que a questão da tradução específica dos nomes próprios não é tão simples, pois há nomes que são carregados de significados para o público alvo da língua materna e relacionados com as características da personalidade dos personagens, sendo complexa a decisão de conservá-los no original ou adaptá-las. Theodor (1983, *op. cit.*) assevera que tais nomes se não providos de correspondências nas traduções das respectivas obras, perdem todo o significado, ao dizer que:

Na realidade, porém, não é tão simples assim. Como converter o Zé Bebelo ou o Diadorim de Guimarães Rosa, nomes carregados de totalidade significativa para ouvidos brasileiros, para outras falas? E deixá-los como se encontram, significa abdicar do sabor especial que transmitem.

Afirma que em livros infantis clássicos encontram-se traduções e adaptações a partir dos originais, nas línguas maternas, apresentando os seguintes exemplos:

(...) os livros alemães *Struwwelpeter* e *Max und Moritz* passaram a *João Felpudo* e *Juca e Chico*, respectivamente, e, seguindo critério idêntico, aparece o *Pinocchio* italiano, nome conservado na tradução brasileira (...) como *Zäpfel Kern* na correspondência alemã, o que o identifica à nomenclatura original. A famosa lenda, adaptada pelos irmãos Grimm, *Hänsel und Gretel*, era traduzida há alguns decênios por *Joãozinho e Margarida*, hoje passou a *Joãozinho e Maria*. (THEODOR, 1983, *op. cit*)

Jaleniauskiene e Cicelyte (2009) que analisaram as estratégias de tradução dos nomes dos personagens dos livros de *Harry Potter* do Inglês e Alemão por três tradutores lituanos afirmam que a tradução de nomes é uma das áreas mais difíceis e mais desafiantes que os tradutores enfrentam. A maioria das pessoas pode acreditar que nomes próprios geralmente não são traduzidos. Conforme elas explicam, no entanto, os nomes próprios podem fazer referências a características como sexo, idade, lugar geográfico, história, conotações culturais e de linguagem, ou seja, podem ser semanticamente, historicamente, geograficamente ou culturalmente carregados. No mundo real, geralmente parecem sem significado, ou seja, consistem em simples rótulos sinalizando referência. No entanto, em trabalhos literários, eles são usados para a caracterização e escolhidos com alguma carga extra, sendo então cheios de significado, especialmente nos livros destinados a crianças. Além disso, apresentam uma função adicional, revelam a existência de “outra cultura”, ou seja, sinalizam ao leitor que o texto originou-se em uma cultura diferente.

As estudiosas observam que há duas estratégias gerais de tradução, que podem ser observadas, na tradução de nomes:

1. *Foreignization* – que tem o objetivo de preservar os elementos culturais do texto fonte. É muito próxima de uma tradução literal e tenta realçar os elementos estrangeiro no texto alvo.
2. *Domestication* – traz o texto para mais perto dos leitores por adaptar ou ainda excluir muitos dos seus elementos. Busca amenizar as características estrangeiras da língua e cultura do texto fonte, de acordo com Venuti (2001, apud JALENIAUSKIEN e CICELYTE, 2009).

Dessa forma, os tradutores podem trazer o público para o texto e transferir o nome sem mudança ou trazer o texto para o público e adaptar o nome, de acordo com Tymocsko (1999 apud JALENIAUSKIENE e CICELYTE, 2009).

Nord (2003) que analisou a tradução de “*Alice no país das maravilhas*” em oito idiomas concluiu que tradutores de diferentes nacionalidades apresentam diferentes modos de traduzir, de acordo com as características socioculturais de cada país e do seu público-alvo. Ela explica que existe uma ideia de que nomes próprios nunca são traduzidos que parece ser uma regra profundamente enraizada nas mentes das pessoas. Um nome próprio pode dizer se a pessoa é homem ou mulher, sua idade, origem geográfica, ou referir-se a um animal, um lugar. Tais indicações podem ser arbitrárias ou não corresponderem à realidade no mundo real, mas intencionais na ficção. Em textos ficcionais, como romances ou livros, nomes próprios não se referem a pessoas existentes na realidade, no entanto, podem se referir a pessoas reais indiretamente, o que acontece, por exemplo, na obra por ela analisada. Ela afirma que uma função importante dos nomes próprios na ficção é indicar em que cultura a trama é ambientada e enfatiza que tradutores usam várias estratégias para lidar com nomes próprios, que geram diferentes efeitos comunicativos nos respectivos públicos.

To find a name for their fictional characters, authors can draw on the whole repertoire of names existing in their culture, and they can invent new, fantastic, absurd or descriptive names for the characters they create. We may safely assume, therefore, that there is no name in fiction without some kind of auctorial intention behind it, although, of course, this intention may be more obvious to the readers in one case than in another. (NORD, 2003, p.183²)

Em algumas culturas há uma convenção literária de que nomes próprios ficcionais podem servir como marcadores culturais, ou seja, eles implicitamente indicam a que cultura o

² Para encontrar um nome para os seus personagens fictícios, os autores podem escolher em todo o repertório de nomes existentes em sua cultura, e eles podem inventar nomes novos, fantásticos, absurdos ou descritivos para os personagens que eles criam. Podemos seguramente assumir, portanto, que não há nenhum nome na ficção sem algum tipo de intenção autoral por trás dele, embora, é claro, essa intenção pode ser mais evidente para os leitores em um caso do que em outro.

personagem pertence, o deve ser levado em conta na análise e tradução de nomes próprios pessoais em textos ficcionais:

In German literature, for example, if a woman called *Joséphine* appears in a story with a plot set in Germany, she will automatically be assumed to be French. On the contrary, in Spanish literature, proper names are more generally adapted to Spanish morphology. A doctor named *don Federico* appearing in a Spanish setting (in the novel *La Gaviota* by Fernán Caballero) could be Spanish or German or French, and if the author wants him to be recognized as a German, she has to make this explicit in the context. (NORD, 2003, p. 184³)

De acordo com a autora, não há regras para a tradução de nomes próprios. Diferentes técnicas são usadas para traduzir nomes de pessoas. Sendo a função de nome próprio de identificar um referente individual, o principal critério para a tradução será fazer esta função de identificação funcionar para o público alvo. Em textos ficcionais não há nome que não tenha nenhuma função informativa. Se a informação é implícita, no entanto, ou se a função de marcador tem prioridade sobre a função informativa do nome próprio este aspecto será perdido na tradução, a menos que o tradutor decida compensá-lo pela perda provendo a informação no contexto. Há, no entanto, nomes próprios que existem na mesma forma tanto na língua fonte como na língua alvo. Um problema muito comum na tradução de livros infantis especialmente se há uma mensagem pedagógica subjacente à trama é que a ambientação da estória no mundo cultural do receptor permite a identificação, enquanto, se esta for realizada em um mundo exótico, pode ocasionar o distanciamento do leitor, e por isso na tradução brasileira da obra analisada todos os marcadores culturais, incluindo os nomes próprios foram adaptados à cultura do público alvo brasileiro.

O pesquisador Lincoln Fernandes (2007) que analisou a tradução das obras: *Harry Potter*, *Artemis Fowl*, *The chronicles of Narnia* and *The World of Chrestomanci* para o português brasileiro, analisando um corpus com 1,7 milhões de palavras e cujos procedimentos de tradução dos nomes de personagens utilizaremos na presente pesquisa apresenta entre os fatores a serem considerados na tradução de literatura de fantasia para crianças: *readability factor*, conceituado por Puurtinen (1997 apud FERNANDES, 2007) como aquele que consiste na compreensibilidade ou facilidade de leitura, determinada pelo nível de dificuldade linguística do texto, e sua adequação ao público leitor, e ressalta que a

³ Na literatura alemã, por exemplo, se uma mulher chamada *Joséphine* aparece em uma história com um enredo ambientado na Alemanha, ela será automaticamente considerada como francesa. Pelo contrário, na literatura espanhola, os nomes próprios são geralmente mais adaptados à morfologia espanhola. Um médico chamado *don Federico* aparecendo em um ambiente espanhol (no romance *La Gaviota* por Fernán Caballero) poderia ser espanhol ou alemão ou francês, e se o autor quer que ele seja reconhecido como um alemão, ele tem que tornar isso explícito no contexto.

presença de muitos nomes estrangeiros, assim como a abundância de sequências fonológicas não usuais ou de ortografia trazem os riscos de criar obstáculos linguísticos para os leitores jovens, que podem não se identificar com eles, o que pode causar barreiras no desenvolvimento da leitura.

O estudioso explica, também, que a atribuição de nomes aos personagens contribui para uma identificação com eles, e que grande parte das crianças brasileiras tem pouco contato com a língua inglesa e por isso não seriam capazes de dar conta desses elementos estrangeiros. Afirma, ainda, que nomes têm a função de referencialidade e singularidade no contexto, e por isso precisam ser memorizáveis (*memorability factor*) e reconhecíveis (*recognizability factor*), sendo esses dois últimos fatores apresentados por Tymoczko (1999 apud FERNANDES, 2007). Portanto, o teórico conclui que nomes estrangeiros não-familiares com fonologia e ortografia não usuais podem interferir negativamente com a memorabilidade dos nomes, tornando-a difícil para o público receptor.

Lincoln Fernandes (2007, p.146) compreende, então que:

in order to facilitate the memorability of a name to a young audience, translators are usually expected to deal with foreign names in a way which enables young readers to recognise them according to the phonological and orthographic conventions of the target language.⁴

O corpus elaborado pelo pesquisador Lincoln Fernandes (2007) chamado PEPCOFEL (The Portuguese – English Paralell Corpus of Children’s Fantasy Literature) foi obtido a partir de 24 (vinte e quatro) livros, doze em língua inglesa e suas respectivas traduções para o português brasileiro, de quatro séries de obras acima citadas (*Harry Potter*, *Artemis Fowl*, *The chronicles of Narnia* and *The World of Chrestomanci*), publicadas entre os anos de 2000 a 2003, totalizando 1,7 milhões de palavras, classificando-se, portanto, como um corpus bilingual (Brazilian Portuguese – English); sincrônico (2000 a 2003) especializado (literatura de fantasia para crianças), ou seja, este consiste em um conjunto de textos escritos no original em Inglês e suas respectivas traduções em português, e de acordo com o estudioso, pode ser usado para descrever o que os tradutores fazem com os textos e como eles os transformam no processo de tradução. Lincoln Fernandes (2007, p.42) entende que:

From a practical standpoint, the use of parallel corpus evidence can help translation educators to explain to their trainee students why a particular decision might be considered unsuitable or inappropriate, as this decision can be contrasted with those

⁴ a fim de facilitar a memorização de um nome para um público jovem, é normalmente esperado que os tradutores lidem com nomes estrangeiros de uma forma que permita que os leitores jovens os reconheçam de acordo com a fonológica e convenções ortográficas da língua-alvo

made by experienced translators whose practices are deemed acceptable by the context of production and reception within which such practices are performed.⁵

Assim, observa-se a importância desse tipo de instrumento de pesquisa para a análise das estratégias e procedimentos de tradução, que são realizados na prática de tradução. O corpus PEPCOFEL, pode então, ser utilizado para oferecer alguns pontos de orientação para o tratamento de nomes, nas traduções de textos específicos, entre esses nomes de personagens de literatura para crianças.

3.3.1 Tradução dos nomes dos personagens da Turma da Mônica na ótica de Maurício de Sousa

Um aspecto interessante das histórias do cartunista é que ele se baseia em pessoas reais na criação dos nomes e características de seus personagens, assim como nas suas lembranças de infância e suas experiências como adulto. Foi assim com as personagens Maria Cebolinha, Mônica, Magali e Marina que tiveram como fonte de inspiração as suas filhas:

É mais fácil você se basear em quem você conhece bem para vestir sua criatura com alma, emoções e a personalidade da pessoa escolhida como modelo. E pronto: está criada uma Mônica, forte e decidida como minha filha que a inspirou; uma menina como a Magali, gentil, feminina e gulosa, tal e qual minha filha homônima; um Cebolinha de cabelos espetados e dislalia⁶, como o menino que inspirou, anos atrás, brincando nas ruas de terra do bairro de São João em Mogi. Ou um Cascão, baseado num amigo do Cebolinha... e que realmente era muito sujinho. O “título” Cebolinha foi dado por meu pai, devido aos cabelos do menino parecerem o alto de uma cebola. Cascão já era o velho apelido do tal sujinho. (SOUSA, 1996)

Ao se propor a traduzir o nome dos personagens da Turma da Mônica para línguas estrangeiras, o cartunista Maurício de Sousa na sua crônica de número 92 revela a consciência dos desafios de seu ofício, assim como dos aspectos que precisaria considerar, para realizar satisfatoriamente tal objetivo, conforme explica:

Daí, quando começamos a mandar nossos personagens de histórias em quadrinhos para o exterior, surgiu o desafio de encontrar nomes adequados para eles em outras línguas. Se, no Brasil, tínhamos todo um cuidado para que nome e “personagem” combinassem, com musicalidade e um tantinho de cuidado com o marketing, como fazer em outros países? Teríamos que contar com uma boa ajuda dos nossos agentes internacionais, com colegas desenhistas, com editores de revistas em quadrinhos e com um pouco de nossa sensibilidade. E assim foram nascendo alguns novos “batismos”(…) (SOUSA, 1998)

⁵ Do ponto de vista prático, o uso de evidências de corpus paralelo pode ajudar os professores de tradução a explicar aos seus alunos estagiários porque uma determinada decisão pode ser considerada inadequada ou inapropriada, já que esta decisão pode ser comparada com aquelas feitas por tradutores experientes, cujas práticas são consideradas aceitáveis nos contextos de produção e recepção em que tais práticas são realizadas.

⁶ De acordo com Ferreira (2010, p. 258) dislalia é um “distúrbio da pronúncia”. Nesse caso específico consiste na característica do Cebolinha que, ao falar, troca o “r” pelo “l”.

Demonstra também o entendimento da importância e essencialidade de sua atividade como um estabelecedor de pontes entre diferentes culturas:

E tudo isso, apesar do trabalho que dá, nos proporciona também um momento gostoso de satisfação e realização: afinal, é uma ponte, uma maneira de chegarmos às crianças do mundo inteiro com nossos personagens. Com nomes diferentes, às vezes esquisitos para nós, mas, com o mesmo tipo de mensagem positiva, alegre, divertida com que nascem aqui, nos estúdios brasileiros. (SOUSA, 1998)

De acordo com Silva (2012), os tradutores da revista da turma da Mônica, coordenados pela equipe do escritório internacional em Nova York seguem ainda algumas diretrizes na tradução dos nomes dos personagens: quando surgir algum personagem cujo nome não esteja na lista utilizada como referência e que contém os nomes dos personagens em português, inglês e espanhol, enviada para os editores e tradutores, estes devem sugerir nomes que estejam relacionados com a personalidade dos mesmos e os nomes das versões estrangeiras devem ter número aproximado de letras dos nomes originais, para que caibam nos espaços dos títulos e nos balões.

3.3.2 PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO OBSERVADOS NO PEPCOCFL (THE PORTUGUESE – ENGLISH PARALLEL CORPUS OF CHILDREN’S FANTASY LITERATURE⁷)

Analisando um total de 2200 nomes extraídos do PEPCOCFL dez categorias de procedimento foram observados pelo pesquisador Lincoln Fernandes (2007), cujas definições se encontram abaixo e serão utilizados na presente pesquisa para a análise da tradução dos nomes dos personagens da Turma da Mônica para a língua inglesa.

1. Rendition – é usado quando o nome é transparente ou motivado semanticamente e está na língua padrão, ou seja, quando o nome em um texto fonte está no léxico daquela língua, adquirindo, então, significado a ser traduzido para a língua alvo. (ex.: **Mulher Gorda – Fat Lady**)
2. Copy – Os nomes são preservados no texto traduzido exatamente como aparecem no texto fonte, sem ajuste ortográfico. Do ponto de vista fonológico, podem assumir pronúncias diferentes. É considerado pelos autores como o tipo mais simples de tradução, tem semelhança com o conceito de empréstimo. (ex: **Harry Potter – Harry Potter; Brazilian Portuguese: Artemis[ar'temis] ! British English: Artemis [‘a:temIs]**)

⁷ Corpus de Literatura de Fantasia para Crianças Português - Inglês

3. Transcription – Neste procedimento é feita uma tentativa de transcrever o nome com as letras correspondentes mais próximas às do alfabeto ou língua-alvo, ou seja, ocorre a transliteração ou adaptação do nome no nível da morfologia, fonologia, gramática, em conformidade, com o sistema da língua-alvo. (ex.: **Achosta Tarkaã – Ahoshta Tarkaan**)
4. Substitution – nesse tipo de procedimento um nome não relacionado formalmente ou semanticamente é um substituto no texto alvo para um nome qualquer existente no texto fonte. O nome no texto fonte e o nome no texto alvo existem em seus respectivos mundos referenciais, mas não estão relacionados um com o outro em termos de forma e ou significado semântico. (ex.: **Ernesto – Harvey**)
5. Recreation – esse tipo de procedimento consiste em recriar um nome de fantasia (inventado) no texto fonte, no texto alvo, tentando assim reproduzir efeitos similares do primeiro referente criado em um outro contexto cultural alvo. É importante enfatizar que a recriação difere da substituição, no sentido de que na recriação o item lexical não existe na língua fonte, nem na língua alvo. (ex.: **Goles – Quaffle**)
6. Deletion – procedimento de tradução que consiste em remover um nome ou parte dele no texto alvo, o que acontece, geralmente quando tais nomes são aparentemente de menor importância para o desenvolvimento da narrativa. (ex.: **Ø – Gregory the Smarmy**)
7. Addition – neste procedimento informação extra é adicionada ao nome original, tornando-o mais compreensível, mais atraente para o público-leitor ou para resolver ambiguidades. (ex.: **Sr. Pintarroxo – The Robin**)
8. Transposition – este procedimento é definido como uma mudança na estrutura do segmento em termos de mudança na ordem das palavras ou a troca de uma classe de palavra por outra sem mudar o significado da mensagem original. (ex.: **O Código Eterno – The Eternity Code**)
9. Phonological replacement – Este é um procedimento em que o nome na língua alvo tenta imitar os recursos fonológicos de um nome na língua fonte trocando este último com um nome existente na língua alvo que de alguma forma invoca a imagem sonora do nome na língua fonte sendo trocado. Não deve ser confundido com “transcription”, pois o último envolve adaptação de um nome na língua fonte para a fonologia/morfologia de uma língua padrão enquanto o primeiro envolve a troca de um nome na língua fonte por um nome na língua alvo que é fonemicamente/graficamente análogo a ele. (ex.: **Jorge Mendes – Jim McGuffin**)

10. Conventuality - Este procedimento ocorre quando um nome da língua alvo é convencionalmente aceito como a tradução particular de um nome na língua fonte. É comumente usado com nomes de figuras históricas/literárias e localizações geográficas. Estes nomes convencionais na língua alvo são geralmente conhecidos como *exonymus*. (**ex: Dunga - Dopey**)

Lincoln Fernandes (2007) enfatiza, ainda, que a combinação desses procedimentos é possível, e que estes não são específicos de pares específicos de línguas, ou seja, embora tenham sido utilizados para descrever a maneira como nomes na língua inglesa, na literatura de fantasia, foram traduzidos para o português brasileiro, em um certo período de tempo, pode prover ferramentas conceituais para analisar e relatar a maneira como os tradutores lidam com elementos literários particulares (nesse caso, nomes), o que ajudaria os pretensos tradutores a entender as práticas envolvidas na tradução de nomes.

4 ANÁLISE DOS DADOS

O nosso corpus consiste em um conjunto de 62 nomes de personagens da Turma da Mônica (que estão na tabela no Anexo I), que foram agrupados de acordo com os procedimentos de tradução de nomes utilizados. Em alguns nomes, foram observados mais de um procedimento de tradução, totalizando 73 procedimentos utilizados.

Analisando o título da revista, apenas a título de informação, observamos que o tradutor manteve a característica de a turma pertencer à Mônica, em razão de ser ela a personagem que lidera os demais componentes do grupo, apresentando na língua inglesa a tradução literal do nome da revista em português, *Monica's gang*, o apóstrofo representando a relação de possessividade na língua-alvo.

Rendition

Observamos esse procedimento em um nome e entendemos que este consiste em uma tradução literal, aplicada a nomes comuns ou grupos nominais. Aparece também em combinação com outros procedimentos como analisaremos na Tabela 8.

Quadro 1- Rendition

Nome	Name
Duque	Duke

No nome Duque, cachorro que é o melhor amigo do Bidu, cujo referente na língua portuguesa é originariamente um nome comum, aconteceu, então, uma tradução literal.

Copy

Alguns nomes de personagens não sofreram alterações, ou seja foram copiados da língua fonte para a língua alvo, o que podemos observar na Tabela 2.

Quadro 2 - Copy

Nome	Name
Marina	Marina
Luca	Luca

Nimbus	Nimbus
Denise	Denise
Frank	Frank
Tina	Tina

Entre estes nomes estão: Marina, a menina inteligente, que gosta de desenhar, criada recentemente com base na filha de Mauricio de Souza, de mesmo nome; Nimbus, outro personagem que apareceu recentemente, um menino interessado em assuntos referentes a clima, tempo e condições meteorológicas em geral; Tina, que é uma moça, personagem criada em 1970, à época associada ao movimento hippie, Frank, um dos integrantes do mini-grupo Turma do Penadinho, inspirado no famoso monstro Frankstein, e Denise, que é uma menina que gosta de impor suas opiniões na vida dos outros.

Transcription

Em outro grupo de nomes, o tradutor optou por pequenas alterações como retirada de acentos, inserção de algumas letras, especialmente consoantes, com o objetivo de torná-los mais próximos das características da língua inglesa, ou seja, foram submetidos ao procedimento de transliteração.

Quadro 3 - Transcription

Nome	Name
Mônica	Monica
Dorinha	Doreen
Horácio	Horacio
Piteco	Pitheco
Thuga	Tooga
Duque	Duke
Manfredo	Manfred

Por exemplo, em relação ao nome da protagonista das histórias, a Mônica, o tradutor, apenas retirou o acento circunflexo, mantendo-o quase semelhante ao original, *Monica*, em razão da representatividade da personagem, e o nome do Horácio, o filhote de

Tyrannosaurus rex, que por ser um nome latino, de conhecimento geral, perdeu também apenas o acento, passando a *Horacio*. E ainda os nomes de Dorinha, a menina com deficiência visual, Piteco, o homem pré-histórico, Manfredo, o cachorro amigo do Bidu que exerce várias funções nas historinhas da Turma do Bidu, como assistente, secretário, contra regra, e a Thuga, que sonha em casar com o Piteco.

Substitution

O procedimento que observamos em maior número foi a substituição, ou seja, o tradutor optou por substituir nomes existentes na língua fonte por nomes existentes na língua-alvo, que não apresentam relação formal ou semântica direta.

Quadro 4 - Substitution

Nome	Name
Mingau	Vanilla
Humberto	Hummer
Aninha	Isabel
Xaveco	Sunny
Dudu	Junior
Quinzinho	Toddy
Titi	Bucky
Professor Spada	Steven
Zé Luis	Specs
Zé Lele	Zeke
Zé da Roça	Cousin Benny
Penadinho	Bug-a-Boo
Lobi	Wolfgang
Jotalhão	Thunder
Jurema	Papaya
Papa-Capim	Tom-Tom
Pipa	Puff
Rolo	Curly
Bolota	Hank

No entanto, como se tratam de estórias em quadrinhos, os tradutores substituíram os nomes por referentes na língua alvo que apresenta alguma relação com as características ou imagem do personagem. Por exemplo, Zé Luís foi substituído por *Specs*, que significa par de óculos, um utensílio utilizado pelo personagem. Papa-Capim, que é o menino indígena foi substituído por tom-tom, que remete a tambor, que é um instrumento geralmente, utilizado pelos indígenas.

Recreation

O segundo procedimento mais utilizado foi a *Recreation*, ou seja, o tradutor recriou um nome de fantasia, inventado para o personagem, no texto-alvo, tentando produzir efeitos similares de sentido.

Quadro 5 - Recreation

Nome	Name
Cebolinha	Jimmy Five
Cascão	Smudge
Bidu	Blu
Cascuda	Dustine
Monicão	Ditto
Do Contra	Nick Nope
Titi	Bucky
Tevelusão	Potato Coach Lou
Dona Morte	Lady MacDeath
Cranicola	Skully

Foi o que aconteceu com a tradução do nome Cebolinha para *Jimmy Five*, a partir de uma sugestão da irmã de Maurício de Sousa, a Maura, que trabalha no escritório de Nova York, em razão de ele ter cinco fios de cabelo e porque a tradução literal para “*Little Onion*” não seria atraente, além da semelhança de sonoridade com a saudação “*give me five*” comum entre as crianças americanas. Segundo Maurício de Sousa (1998) “para que cada vez que um ‘kid’ (garoto) cumprimentasse outro com aquela célebre batida de mãos abertas, falando ‘*give me five*’ lembrasse nosso personagem”. Assim também, o nome do personagem Bidu, que à época de sua criação era um termo comum para representar esperto, adivinho foi

transformado para *Blu*, adaptado da palavra *blue* que significa azul, a cor do cachorrinho. Em outros nomes, ocorreu o uso de palavras com uma correlação direta de sentidos entre a língua de partida e a de chegada, por exemplo, Cascão passou a *Smudge*, termo que significa sujo, manchado, ou seja, manteve carga semântica semelhante ao original, Cascuda, *Dustine*, de *dusty*, empoeirado, Do Contra, *Nick Nope*, Cranicola passou a *Skully*, de *skull*, crânio

Phonological Replacement

Observamos com esse procedimento a substituição de nomes na língua-fonte por nomes na língua-alvo, que invocam a imagem sonora, do primeiro referente.

Quadro 6 - Phonological Replacement

Nome	Name
Magali	Maggy
Chico Bento	Chucky Billy

Assim aconteceu com os nomes da Magali, a melhor amiga da Mônica, que gosta muito de comer, que foi substituído por *Maggy*, e do Chico Bento, que é o menino do interior, o típico caipira, que de acordo com Maurício de Sousa (2014), “representa a pureza a simplicidade e a simpatia que caracterizam as pessoas do interior paulista” cujo nome na revista em Língua Inglesa foi substituído por Chucky Billy.

Conventionality

Entendemos que esse tipo de procedimento consiste na substituição dos nomes na língua fonte, por nomes que convencionalmente se aceitam como seus exônimos na língua alvo.

Quadro 7 - Conventionality

Nome	Name
Sansão	Samson
Jeremias	Jeremiah

Observamos esse procedimento nos nomes do Sansão, o coelhinho da Mônica, que é alvo das brincadeiras dos meninos e que também é usado por ela para bater neles, e cujo nome se refere ao personagem bíblico que tinha força nos cabelos, e foi traduzido para *Samson*, e do Jeremias, o garoto afro-descendente, cujo nome na revista *Monica's Gang*, passou a *Jeremiah*, que também é um personagem bíblico, e assim convencionalmente aceito com a sua tradução.

Uso de procedimentos combinados

Observamos que em alguns nomes realizou-se uma combinação de procedimentos.

Quadro 8 – Uso de procedimentos combinados

Nome	Name	Procedimento
Louco	Nutty Ned	Rendition/Addition
Capitão Feio	Captain Fray	Rendition/Substitution
Chovinista	Chauvy	Rendition/Deletion
Maria Cebolinha	Mary Angela	Conventionality/Substitution
Seu Juca	Mr. Juca	Rendition/Copy
Tia Nena	Aunt Nina	Rendition/Phonological replacement
Rosinha	Rosie Lee	Rendition/Addition
Dona Marocas	Teacher Marocas	Substitution/Copy
Nhô Lau	Mr. Lau	Rendition/Copy
Zé Vampir	Vic Vampire	Substitution/Rendition
Muminho	Moe The Mummy	Addition/Rendition/Deletion
Alminha	Sally Soul	Addition/Rendition/Deletion
Astronauta	Bubbly, The Astronaut	Recreation/Addition

Isso aconteceu, por exemplo, nos nomes Anjinho, que foi traduzido para *Angel*, sem o grau diminutivo, Tio Juca, que passou a *Mr. Juca*, Tia Nena, *Aunt Nina*, com a substituição por um nome que apresenta semelhança sonora com o nome na língua fonte, Chovinista que passou a *Chauvy*, de *chauvinist*, na língua-alvo, ou ainda, com a inserção de pré nomes ou sobrenomes, Alminha, *Sally Soul*, Rosinha, *Rosie Lee*, Muminho, *Moe the Mummy*, Zé Vampiro, *Vic Vampire*, Louco, *Nutty Ned*. No nome Nhô Lau, cuja expressão Nhô, refere-se à

palavra senhor, que provem da língua falada pelos escravos e que é comum na língua dos caipiras, observamos a tradução literal para *Mr.*, que é uma forma de expressão inglesa para senhor, e a cópia do nome Lau.

Análise do número total de procedimentos utilizados:

Tabela 1 – Resumo de todos os procedimentos de tradução de nomes utilizados

Procedimento	Quantidade de ocorrências	Porcentagem
Rendition	10	13,69%
Copy	09	12,32%
Transcription	07	11,11%
Substitution	24	32,87%
Recreation	11	15,06%
Deletion	02	2,73%
Addition	04	5,47%
Transposition	0	0
Phonological Replacement	03	4,10%
Conventionality	03	4,10%

Observamos que em termos quantitativos, o procedimento mais utilizado é a substituição, ou seja, o tradutor buscou substituir nomes existentes na língua fonte por nomes existentes na língua-alvo, que nesse caso, se não apresentam uma relação direta formal ou semântica, apresentam relação com as características dos personagens, ou até com a sua imagem, o que consideramos uma estratégia de *domestication*, ou seja, de orientação da tradução para a língua alvo. Nesse mesmo sentido, acontece com o procedimento da *recreation*, ou seja, o autor recria os nomes inventados. Quanto aos procedimentos de tradução que caracterizariam mais a orientação para a língua fonte, como estratégia de *foreignization* da língua portuguesa, ocorrem, mas além de menor quantidade, em combinação com outros procedimentos.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho envolveu a análise de duas questões complexas na área de tradução: a tradução de histórias em quadrinhos e de nomes de personagens de literatura infanto-juvenil. A linguagem dos quadrinhos apresenta uma relação de complementaridade entre imagem e texto, o que representa uma das maiores dificuldades para os tradutores, enquanto para a tradução de nomes, o desafio de recriação de sentidos com a preservação de aspectos como referencialidade, unicidade, legibilidade, memorabilidade, e reconhecimento, que remetem à aceitação pelo público leitor da obra traduzida.

A análise dos procedimentos de tradução utilizados na tradução dos nomes dos personagens da Turma da Mônica revela que os tradutores utilizam diferentes estratégias e procedimentos de tradução, que vão desde a tradução literal à recriação dos nomes. No entanto, observa-se uma orientação maior para a estratégia de *domestication*, com o objetivo de trazer o texto para o público leitor da língua alvo, no caso específico a língua inglesa. Essa perspectiva foi verificada através do maior número de usos dos procedimentos de substituição e recriação de nomes, ou seja, há uma preocupação em trazê-los o mais próximo do contexto da língua alvo, do universo de conhecimento do público-leitor.

Tal análise dos procedimentos de tradução utilizados em cada nome e sua classificação de acordo com o corpus do pesquisador Lincoln Fernandes foi uma tarefa complexa, em razão da especificidade dos procedimentos estabelecidos pelo pesquisador, e também da amplitude de detalhes na criação e caracterização dos personagens por Mauricio de Sousa, que a equipe de tradutores busca preservar na tradução de seus nomes.

Observamos, então, que o processo de tradução realizado pelo cartunista Maurício de Sousa e sua equipe na edição da revista em língua Inglesa *Monica's gang* revela consonância com os pressupostos das teorias mais atuais sobre tradução, que a concebem como um processo complexo, avançam além do conceito de tradução literal e equivalência para a noção de correspondência de significados, e consideram o respeito às características e contexto sócio-histórico das línguas. Foi o que pudemos constatar, na criação de novos significados, por exemplo, com a tradução do nome Cebolinha para “*Jimmy Five*”, além da preocupação em preservar aspectos como a sonoridade dos nomes, intencionalidade do autor, com o objetivo de comunicar a mensagem entre sujeitos que falam línguas diferentes. Além disso, Maurício de Sousa revela a consciência do papel do tradutor como produtor de significados e da importância da tradução na comunicação e construção de pontes entre povos e culturas.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAGÃO, Sabrina Moura; Zavaglia, Adriana. Histórias em quadrinhos: imagem e texto em tradução. 2010. Disponível em: <http://myrtus.uspnet.usp.br/tradterm/site/images/revistas/v16n1/19_TradTerm_16_-_Sabrina_Aragao_e_Adriana_Zavaglia.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

ARROJO, Rosemary. *O Signo Desconstruído: Implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992. pp. 57 – 91; 99 – 105;

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução: A teoria na prática*. São Paulo: Ática, 2007.

AUBERT, F. H. *As (In) Fidelidades da Tradução: Servidões e Autonomia do Tradutor*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

CAMILOTTI, Camila Paula; LIBERATTI, Elisângela. Desvendando os segredos da tradução de quadrinhos: uma análise da tradução de *Romeu e Julieta*, da Turma da Mônica. *Belas Infêis*, v. 1, n. 1, p. 95-112, 2012.

CATFORD, J. C. *Uma Teoria Linguística da Tradução: um ensaio de linguística aplicada*. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980.

DICIONÁRIO Oxford Escolar para estudantes brasileiros de Inglês. Oxford, Oxford University Press, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERNANDES, Lincoln Paulo. On the use of a Portuguese-English parallel corpus of children's fantasy literature in translator education, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/1016>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

JALENIAUSKIENE, Evelina; CICELYTE, Vilma. The Strategies for Translating Proper Names in Children's Literature. Disponível em: <http://www.kalbos.lt/zurnalai/15_numeris/06.pdf>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

NORD, C. (2003). Proper Names in Translations for Children: Alice in Wonderland as a Case in Point. *Meta*, XLVIII(1-2), 182-196. Disponível em: <<http://www.erudit.org/revue/meta/2003/v48/n1-2/006966ar.html>>. Acesso em: 15 de jun. 2014.

SILVA, Yara Maura. Tradução dos Nomes dos Personagens da Turma da Mônica para a Língua Inglesa [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <socorronunesf@hotmail.com> em 27 jul. 2012.

SOBRAL, Adail, *Dizer o 'mesmo' a outros: ensaios sobre tradução*. São Paulo: Sbs, 2008.

SOUSA, Maurício de. *Crônica 93: Nomes, Nombres e Names*. 1998. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron093.htm>>. Acesso em: 22 de maio de 2014.

SOUSA, Maurício de. *Crônica 07: Como viver e conviver com os personagens vivos dos quadrinhos*. 1999. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron007.htm>>. Acesso em: 27 de maio de 2014.

SOUSA, Maurício de. *Crônica 239: Teveluizão e o MicroLuizão*. 2001. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/mauricio/cronicas/cron239.htm>>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

SOUZA, José Pinheiro de. Teorias da Tradução: Uma Visão Integrada. *Revista de Letras*, n. 20, 1998. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>> Acesso em: 30 de abr. 2014.

THEODOR, Eriwin, Tradução: *Ofício e Arte*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, São Paulo, 1983.

ZANETTIN, Frederico. *Comics in Translation Studies. An Overview and Suggestions for Research*. Disponível em: <<http://www.academia.edu>>. Acesso em: 30 de abr. 2014.

ANEXO I

Nomes dos personagens da Turma da Mônica, suas respectivas traduções para a língua inglesa e procedimentos de tradução utilizados.

	Nome	Name	Procedimento
01	Mônica	Monica	Transcription
02	Cebolinha	Jimmy Five	Recreation
03	Cascão	Smudge	Recreation
04	Magali	Maggy	Phonological replacement
05	Anjinho	Angel	Rendition/Deletion
06	Bidu	Blu	Recreation
07	Mingau	Vanilla	Substitution
08	Sansão	Samson	Conventionality
09	Franjinha	Franklin	Substitution
10	Louco	Nutty Ned	Rendition/Addition
11	Marina	Marina	Copy
12	Humberto	Hummer	Substitution
13	Capitão feio	Captain Fray	Rendition/Substitution
14	Cascuda	Dustine	Recreation
15	Floquinho	Fluff	Substitution
16	Monicao	Ditto	Recreation
17	Chovinista	Chauvy	Rendition/Deletion
18	Luca	Luca	Copy
19	Aninha	Isabel	Substitution
20	Do Contra	Nick Nope	Recreation
21	Dorinha	Doreen	Transcription
22	Nimbus	Nimbus	Copy
23	Maria Cebolinha	Mary Angela	Conventionality/Substitution
24	Xaveco	Sunny	Substitution
25	Dudu	Junior	Substitution
26	Quinzinho	Toddy	Substitution
27	Titi	Bucky	Substitution

28	Professor Spada	Steven	Substitution
29	Zé Luis	Specs	Substitution
30	Denise	Denise	Copy
31	Jeremias	Jeremiah	Conventionality
32	Tevelusão	Potato Coach Lou	Recreation
33	Seu Juca	Mr. Juca	Rendition/Copy
34	Tia Nena	Aunt Nina	Rendition/Phonological replacement
35	Chico Bento	Chucky Billy	Phonological replacement
36	Rosinha	Rosie Lee	Rendition/Addition
37	Zé Lelé	Zeke	Substitution
38	Dona Marocas	Teacher Marocas	Substitution/Copy
39	Nhô Lau	Mr. Lau	Rendition/Copy
40	Zé da Roça	Cousin Benny	Substitution
41	Horácio	Horacio	Transcription
42	Penadinho	Bug-a-Boo	Substitution
43	Zé Vampir	Vic Vampire	Substitution/Rendition
44	Dona Morte	Lady MacDeath	Recreation
45	Lobi	Wolfgang	Substitution
46	Frank	Frank	Copy
47	Cranicola	Skully	Recreation
48	Muminho	Moe The Mummy	Addition/Rendition/Deletion
49	Alminha	Sally Soul	Addition/Rendition/Deletion
50	Piteco	Pitheco	Transcription
51	Thuga	Tooga	Transcription
52	Jotalhão	Thunder	Substitution
53	Astronauta	Bubbly, the Astronaut	Recreation/Addition
54	Bugu	Glu	Recreation
55	Manfredo	Manfred	Transcription
56	Duque	Duke	Rendition
57	Jurema	Papaya	Substitution
58	Papa-capim	Tom-Tom	Substitution
59	Pipa	Puff	Substitution
60	Rolo	Curly	Substitution

61	Tina	Tina	Copy
62	Bolota	Hank	Substitution